



A Influência do Jornal Estudantil na formação acadêmica de alunos de Escolas Públicas¹

Fred Silva de ABREU²

Érica Miranda MARTINS³

Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana, Feira de Santana, BA

RESUMO

O jornal Jovem News teve como público alvo os adolescentes oriundos do ensino médio de escola pública, onde retratou com mais afinco a influência do jornal estudantil na formação acadêmica dos discentes. A idéia foi abrir um debate em torno de definições básicas de jornalismo utilizadas e/ou adotadas no Colégio Estadual de Feira de Santana, situado no município de Feira de Santana, no estado da Bahia. Com a realização do Projeto Experimental – jornal estudantil piloto - os alunos do CEFS foram os autores e responsáveis pelos conteúdos e publicações, além de ter promovido o fortalecimento da aprendizagem, na área da leitura e escrita. Nesse sentido, a educomunicação foi salientada como a ligação entre os meios de comunicação e os alunos, portanto esse é o primeiro passo para estimular experiências cotidianas e teóricas.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; jornal estudantil; acadêmicos; leitura; escrita.

TEXTO DO TRABALHO

O trabalho abordou inicialmente o fato de que, as escolas públicas não ensinam ou não incentivam o hábito da leitura e escrita aos alunos. Desta forma surgiu a idéia de documentar a influência do jornal estudantil na formação acadêmica de alunos do Colégio Estadual de Feira de Santana, que explicita a participação dos estudantes no processo de construção do conhecimento e articulação da prática com aprendizagem da criação e elaboração de um jornal.

Portanto, a linha de pesquisa proposta para esse projeto foi a análise da relação existente entre o ensino desenvolvido na escola e a capacidade dos alunos de redigirem e expor um fato.

A inserção dos meios de comunicação na escola remete ao conceito de uma pedagogia comunicacional, defendida pelo educador pernambucano Paulo Freire (2000, p. 40), que considera as mídias e as relações com elas, estimulando um diálogo entre

1. Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

2. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Faculdade de Ensino Superior de Feira de Santana. Email: fred.abreu.jornalismo@hotmail.com / abrefred@hotmail.com

3. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Faculdade de Ensino Superior de Feira de Santana. Email: ericamartins_16@yahoo.com.br / ericamartins16@hotmail.com



a escola e as linguagens midiáticas ressaltando o caráter ‘problematizador’ deste diálogo, que propõe despertar no aluno a leitura do mundo, fazendo da educação um ato de aproximação com a realidade.

Segundo Marques apud Moraes (2007, p. 11) “a leitura (como o escrever) é uma ação de soberania, e sua ordem mais onírica, do que propriamente gráfica, uma opção poderia ser a de começar o mergulho nesse mar aberto e profundo de sabedoria e cordialidade”.

A realização deste trabalho foi motivada pela necessidade de estudar a comunicação tomando como base as constatações observadas em informações do ambiente acadêmico de nível médio. A idéia de trabalhar com o tema proposto surgiu da necessidade de desenvolver a capacidade de escrita e leitura dos alunos do ensino médio de escolas públicas, além de mostrar como é feito um jornal estudantil dentro das normas vigentes de um impresso a nível municipal e perceber o papel do estudante nesse tipo de meio de comunicação. Sendo ele o "jornalista", o leitor, a fonte e muitas vezes a própria informação.

Este memorial teve a finalidade de discutir até que ponto a influência de um jornal estudantil na formação acadêmica de alunos de escolas públicas pode ser considerada uma alternativa de estímulo à educação e a comunicação. É possível visualizar nas diversas experiências com rádio e jornais que a educomunicação é um dos temas recorrentes que permite atuar de forma ágil e eficiente, num mundo de rápidas transformações.

Utiliza-se aqui o conceito de educomunicação como um campo que capacita o professor a utilizar a tecnologia da comunicação disponível na escola. Considera-se também que o jornalismo estudantil constitui uma forma de comunicação externa e interna. Com base nessas premissas, descrevem-se as potencialidades e limitações da sua influência, por meio da análise da relação existente entre o ensino desenvolvido nas escolas e a capacidade dos alunos de redigirem e expor um fato.

Na concepção dos autores Santos e Pinto (1992, p. 5) o jornal estudantil não é um fim em si mesmo, mas um dos meios possíveis para o desenvolvimento de uma dinâmica geral na escola. Os jornais, por sua própria natureza, abordam um amplo leque de assuntos e, para isso, também apresentam uma grande diversidade de textos, sendo um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade.

Fizemos essa amostra através do aspecto de liberdade de expressão do código de ética seguido pelos profissionais de imprensa: a relação entre a comunicação e cultura, as escolas e os jovens que participam do projeto são regulados pelo código de ética, que



garante a independência dos editores e a utilidade social das publicações. Respeitando esse código, o conteúdo das publicações foi determinado livremente pelos jovens.

A escola tem se tornando um agente integrante e atuante da sociedade capaz de desencadear o saber sistematizado através do dinamismo. Devido às mudanças atuais como: renovação de espaços, conteúdos e valores e as transformações sociais. Por outro, o surgimento de novas tecnologias se revela um grande campo de atuação no que se refere à ação humana, pois é cada vez mais constante o acesso e domínio dos recursos tecnológicos.

Sendo assim, as atividades educacionais estariam voltadas para introdução da mídia existente na prática em sala de aula, ou seja, para as estratégias que possibilitassem aos professores o uso didático da imprensa falada, escrita e televisada integrando a tecnologia a comunicação.

A concepção da educomunicação foi uma proposta que a escola agregou às ações de recursos físicos, tecnológicos e humanos disponíveis, buscando, assim, potencializar as suas condições fortalecendo as aprendizagens no âmbito do seu contexto escolar. Portanto, a educomunicação deve ser uma das ações educativas complementares ao currículo da proposta de inserção da comunicação por meio do rádio e do jornal.

A influência do jornalismo estudantil visa não só desenvolver nos jovens habilidades básicas, mas também propiciar oportunidades para que formem uma visão mais abrangente e crítica da realidade, facilitando a aquisição de conhecimentos específicos sobre o mundo do trabalho.

Esse projeto visou a realização de um trabalho impresso, inicialmente um piloto com foco nos alunos do terceiro ano TGC (Técnico em Gestão Comercial) do Colégio Estadual de Feira de Santana ressaltando o intuito do resgate da escrita e da leitura perante os nossos colaboradores, através da construção de um jornal estudantil.

A proposta educ comunicativa desse trabalho transforma o receptor em produtor da linguagem de mídia. Sendo os alunos os produtores de mídia, em especial no Jornal “Jovem News”. A função da escola é justamente incluir o educando nesta sociedade. E o jornal é a melhor ferramenta, para a eficácia deste processo, pois ele representa um canal de informações com o qual os alunos podem contar para estarem publicando seus textos, suas idéias e até mesmo seus sentimentos.

Entretanto, a escrita e a leitura na escola norteia o aluno para que ele possa ter um bom aprendizado na área da comunicação, através do contato com os mais diversos tipos e gêneros textuais, ou seja, que as atividades de leitura e escrita sejam



trabalhadas a partir das práticas sócio-educativas no ciclo pedagógico.

A metodologia utilizada foi à criação de um jornal estudantil no Colégio Estadual de Feira de Santana, desenvolvido pelos estudantes do 3º ano do Ensino Médio, com o nosso intermédio, estudante de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, e professores do próprio colégio, notadamente das disciplinas Língua Portuguesa e Informática.

O ponto de partida desse projeto experimental foi o estudo de referenciais teóricos para o embasamento de conceitos sobre o jornalismo estudantil, jornalismo impresso, planejamento em comunicação, relacionamento com a mídia, técnicas e ferramentas da comunicação, educação e escola, educomunicação, jornal (Jornalismo) entre outros.

Após os referenciais, fez-se a leitura de obras de autores consagrados para conhecer e dominar as técnicas utilizadas para criação ou elaboração de jornal, pesquisas documentais do Colégio Estadual de Feira de Santana, acompanhada de levantamento das publicações jornalísticas nos diversos meios de imprensa: jornais, rádios, televisão e mídia digital.

O projeto partiu então da pesquisa didática para coleta empírica de informações, intermediando os conceitos e relacionando às idéias vivenciadas no Colégio Estadual de Feira de Santana, ressaltando a essência da própria realidade da Instituição, tomando como garantia a história e, ao mesmo tempo os princípios da comunicação.

Com este entendimento, o referido trabalho desenvolveu ações complementares no sentido da leitura e escrita, através da valorização e participação do educando e do educador no processo de ensino-aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação das ações de montagem do jornal estudantil.

A linguagem oferecida pelo jornal estudantil deve ser diferenciada daquela utilizada nos conteúdos distribuídos através de impressos, assim como aqueles direcionados para a televisão e rádio também. Preparar um conteúdo estudantil é muito diferente de prepará-lo para meios impressos.

A educomunicação é a informação segundo Barbosa (2008, p.1) “informar é comunicar e se fazer compreender isto é, redigir de forma simples, concisa, clara e precisa, quaisquer que sejam a complexidade do assunto ou o gênero da mensagem”. Desta forma, a linguagem utilizada no nosso produto – um jornal estudantil, portanto um veículo impresso aproxima-se do estilo de redação jornalística, conforme site em referência.



A formação de cidadãos, atributo da escola passa hoje obrigatoriamente pela habilitação do cidadão para ler os meios de comunicação, sabendo desvelar os implícitos que a edição esconde; sendo capaz de diferenciar, entre os valores dos produtores dos meios, aqueles que estão mais de acordo com a identidade de sua nação; reconhecendo os posicionamentos ideológicos de manutenção do status ou de construção de uma variável histórica mais justa e igualitária. (BACCEGA, 2003, p. 81).

Os objetivos da comunicação, de acordo com os resultados da pesquisa sobre a utilização do jornal impresso em sala de aula, realizada pela Secretaria de Educação da Bahia - SEC é principalmente: incentivar a leitura de jornais; incentivar outras leituras; ensinar o aluno como é o jornal; promover o debate sobre o papel da imprensa; capacitar o aluno a ler criticamente o jornal; promover o respeito à opinião divergente; aproximar a escola das questões do cotidiano; facilitar uma aproximação entre os professores; tornar o currículo mais dinâmico; ajudar o aluno a se expressar melhor e com maior confiança em si.

Além disso, a educomunicação contribui para que o aluno escreva melhor; facilitando a criação do jornal escolar para o aprendizado informal da língua, colaborando para a construção de um conhecimento mais amplo e multidisciplinar do aluno.

Toda linguagem é ideológica porque, ao refletir a realidade, ela necessariamente a refrata. Há sempre, queira-se ou não, uma transfiguração, uma obliquidade da linguagem em relação àquilo a que ela se refere. Por usar a própria natureza, de mediadora entre nós e o mundo, a linguagem apresenta sempre, inelutavelmente, um descompasso em relação à realidade. Ela não é, nem pode ser a realidade. (SANTAELLA, 1996, p. 330-331).

O uso da mídia na sala de aula influencia na formação acadêmica, pois os meios de comunicação vão além de uma mera instrumentação de conteúdos e demonstração do processo de produção da notícia, sem uma discussão mais aprofundada das linhas editoriais dos veículos, dos processos ideológicos e manipulatórios que, cotidianamente, fazem parte das escolhas editoriais e das construções narrativas dos textos.

As atividades educativas salientadas no jornal estudantil foram implementadas na escola, porque precisam estar diretamente ligadas as ações pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar. Portanto, deverão ser utilizados todos os recursos didáticos disponíveis da escola, explorando-os em diversas atividades, estimulando o desenvolvimento das competências e habilidades e envolvendo todos os membros da comunidade escolar.



Um segundo campo de ação desenvolvido pelo educador é aquele que capacita o professor a utilizar a tecnologia da comunicação - disponível, muitas vezes, na própria escola – para elaborar seus próprios materiais pedagógicos. Computador, câmera de vídeo, máquina fotográfica, gravador, fax, podem servir para excelentes experiências didáticas. (COSTA, 2008, p. 7).

A importância da educação na escola destaca-se como um instrumento indispensável ao educador a atingir seus objetivos situados no campo prático pedagógico. A implantação do jornal otimiza o cotidiano escolar tendo em vista que a deficiência na leitura foi um dos pontos críticos detectados no desenvolvimento do projeto.

O estímulo à participação do aluno como autor e atuante do seu próprio jornal se configura, não só como um instrumento de comunicação, mas como uma estratégia de incentivo a leitura. Assim, a educação se baseia em eixos norteadores que explicitam o seu direcionamento propondo a potencialização de suas condições para fortalecer a aprendizagem.

Conforme a pesquisa sobre o uso do jornal impresso na sala de aula encomendada pela Secretaria de Educação da Bahia (2008, p. 64) na atualidade os meios de comunicação interferem diretamente na formação de pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultos. É notória a importância de pesquisas integradas entre esses dois campos de estudo para resultados mais eficazes nos procedimentos pedagógicos das escolas.

O exercício desta atividade de criação do jornal estudantil se torna muito proveitoso, pois mostra que a linguagem pode sustentar opiniões claras mesmo revestindo as palavras com uma identidade própria. A escolha das palavras, nesse caso, é fundamental, mesmo lançando mão da linguagem referencial ou explicativa, acabam por revelar seus posicionamentos.

O jornal impresso narra à experiência de se realizar um jornal estudantil e procura refletir sobre a interface da comunicação e da educação. Portanto, elaborar um jornal impresso é um processo que visa à ampliação de um determinado público, através de possíveis informações que podem ser tomadas por diferentes meios.

A relação entre pensamento e linguagem não se põe em dúvida. Pode-se, apenas, reforçar que, através do sistema lingüístico, o homem exerce e exercita a teia das relações sociais, transmitindo cultura e ideologia, para o bem ou para o mal. "O que faz da palavra uma palavra é sua significação." Bakhtin (1997, p. 49) esclarece que, se perdermos de vista a significação da palavra, perde-se a própria palavra, que fica



reduzida à sua realidade física. Para ele, a atividade psíquica só existe na sua significação. A linguagem permite ao homem a objetivação do pensamento, graças à representação, ainda que não dê conta de exteriorizar, em sua plenitude e completude, o pensamento interior.

A imprensa moderna nasceu com Gutenberg e marcou de forma decisiva a troca de informações, pela velocidade com que duplicava a comunicação entre as pessoas. No século XVII, o jornal passa a ter circulação diária; daquele tempo até os dias atuais, a imprensa escrita passou por inúmeras transformações, sempre com temática variada e de interesse público. Como porta voz de assuntos diversos, “o jornal sempre esteve cercado pela censura, por se entender que a notícia divulgada logo seria dominada por todos e por temer a influência do jornalismo na opinião pública...” (SOUZA, 2000, p. 15).

Sua função precípua é levar informação à sociedade, no entanto, a capacidade de difusão rápida e generalizada dos fatos, tornou-se instrumento de transmissão de idéias e “os valores políticos, religiosos, nacionais são transmitidos pelo “mass media” de maneira direta ou indireta.” (VANOYE, 1998, p. 266).

A linguagem possibilitou ao homem a criação de meios de representá-lo, através de sinais e símbolos. A descoberta da escrita contribuiu de forma fundamental para a comunicação e para o desenvolvimento da linguagem como ciência.

“(…) expansão das atividades comerciais e do mercado interno que fomentou o desenvolvimento das modernas empresas jornalísticas, aumentando o público leitor e, de verdade, criando o negócio da publicidade, que progressivamente se tornou a primeira fonte de financiamento do jornalismo”. (RÜDIGUER; 2003, p.84)

Portanto, cabe ao jornalismo ou as mídias em geral, a própria produção acelerada e em escala industrial da informação, o emprego de regras de estruturação em menor escala e economia de palavras, ou seja, a padronização do texto, escrito ou falado, implica que a sociedade acaba tomando essa estrutura no seu falar e escrever.

A dimensão da linguagem que o jornalismo opera também considera a leitura produzindo sentidos, unificando contradições, desambiguando significados, no sentido de estabilizar o que é disperso e instável na informação. Ampara-se na linguagem, para expressar o pensamento social através do conjunto de ferramentas discursivas e técnicas, designando as versões do acontecimento real.

Para Moherdauí (2000), as novas formas de editar notícias na rede apresentam-se de duas maneiras: a primeira por meio de informação online, em tempo real e a segunda através de sites de publicações, especialmente da mídia impressa, que começou



a transportar à rede sua edição com uma linguagem igual a dos jornais que circulam nas ruas.

Portanto, cabe ao jornalista adotar o papel central no modo como será apresentado à população. A partir desse instante, selecionar o que será apresentado e por que ângulo o acontecimento será abordado depende do autor do texto. As alterações nos textos são acompanhadas de modificações na disposição destes nas páginas, que deixam de ser meros espaços para aplicação de manchas informativas, para se tornarem atraentes, incorporando recursos estéticos.

As novas formas de apuração da informação, elaboração de textos e diagramação do jornal nasce num novo jornalismo, que busca tornar-se atraente ao leitor, despertar neste o desejo pela materialidade impressa. A nova forma de produção dos jornais deve ser incorporada às fórmulas inéditas de construção de textos bem como novidades estudantis.

No jornalismo estudantil a tarefa de dispor as idéias em uma linguagem local compreensível permite promover a motivação e a cooperação entre as pessoas. Como instrumento para contribuir com a fixação da língua, exerce influência decisiva e definitiva na integração lingüística para a preservação da cultura.

Segundo Nóvoa (1997, p. 13), imprensa educacional inclui um amplo espectro de publicações que revelam “as múltiplas facetas dos processos educativos numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos etc.), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens”. Contudo, esse autor, ressalta que mesmo que a imprensa tenha caráter fugaz e imediato, seguindo a lógica de reação aos acontecimentos, constitui-se como um meio de afirmação de grupos e espaço de regulação coletiva.

Por outro lado Desaulniers (1997, p. 143), afirma que “ao produzir, divulgar e refazer constantemente informações [os impressos] de certa forma acaba formando os indivíduos”. A autora enfatiza uma dimensão importante dos impressos: seu caráter formativo, além da divulgação de idéias. Além disso, ela reitera que os impressos não reproduzem os fatos; ao contrário, retrabalham, modulam acontecimentos, crivam de nuances as informações e as fazem circular, disseminando-as em diversos espaços.

Utilizar o jornal estudantil na escola é o primeiro passo para a leitura do mundo. Em contrapartida, é essencial que o exercício cotidiano no uso da mídia na sala de aula não se limite à leitura de jornais, revistas ou dos veículos eletrônicos. Para se ler o mundo a partir dos olhares dos outros, é fundamental que seus leitores aprendam antes



a ler o mundo em que vivem por meio da construção de suas próprias narrativas.

Assim só é possível a construção do conhecimento, a transformação do educando através do sujeito de sua própria história. A aquisição do pensamento crítico é apenas o resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade.

O objeto deste trabalho foi um jornal estudantil, elaborado no Colégio Estadual de Feira de Santana, por meio de várias reuniões e levantamentos realizados em conjunto pelos alunos, numa abordagem metodológica participativa.

O jornal estudantil traz a vivência e surgiu da necessidade espontânea de criar uma alternativa de apoio e estímulo aos alunos de escolas públicas no que se refere à leitura e escrita. Neste contexto a relevância da cultura educacional na globalização está no seu papel de integração das especificidades:

(...) a partir do potencial integrativo do novo padrão tecnológico, o local redefine-se, ganhando em densidade comunicacional, informacional e técnica no âmbito das redes informacionais que se estabelecem em escala planetária. [Pois] a dimensão cultural do local atua na globalidade como um fio invisível que vincula os indivíduos ao espaço, marcando certa idéia de diferença ou de distinção entre comunidades (ALBAGLI, 1999, p.186-187).

O trabalho em equipe proporcionou dados relevantes e interessantes na abordagem de temas. O desenvolvimento de dinâmicas foi imprescindível para o bom andamento do projeto. Dessa, forma o entendimento coletivo foi um item de relevância à prática e a realização deste jornal.

Segundo Noblat (2007, p.21), “o jornalismo não é obra exclusiva de jornalistas e, sim de todos os leitores interessados, tanto que os mesmos são também responsáveis pelo bom ou mau jornalismo”. Pois, quem ler tem o poder de definir o que se quer.

Conforme LAGE (2003, p.51), outro ponto fundamental, que deve ser observado é que após a finalização do jornal original, deve-se fazer uma leitura mais detalhada, com o auxílio de alguém capaz de fazer as devidas revisões. Pois, escrever bem e de forma assertiva é uma questão de orgulho profissional, tendo visto que muitos defeitos surgem após uma releitura dos originais, que de certa forma contribui para que expressões sejam acrescentadas ou eliminadas.

De acordo com Faria (2005, p.148), “são diversos os problemas enfrentados no processo de produção de um jornal, que vão desde a dificuldade de diversificação da redação, conteúdo e obstáculos ou até mesmo impressão do jornal”. Portanto, o autor dar subsídios ao leitor quanto à criação de um jornal estudantil ressaltando a realidade escolar principalmente as escolas públicas.



O jornal que foi implantado no Colégio Estadual de Feira de Santana, por outro lado, também pode ser utilizado como um critério para avaliar a eficiência dos alunos, além de facilitar a vida dos mesmos. Uma vez que a leitura e a escrita são deficientes, com base no que foi observado no período de elaboração do mesmo principalmente para os alunos de escolas públicas, assim o jornal estudantil têm características peculiares e especiais no seu conteúdo, que correspondem a fatos reais e que sofrem uma influência do imaginário criativo do autor.

Esse jornal estudantil, que foi apresentado, está direcionado para chamadas inovadoras, que nascem exatamente de uma escola que se reconhece na diversidade, na luta contra os processos sociais excludentes, na aposta e na crença incondicional dos jovens alunos.

Apesar de ter sido um projeto piloto aparentemente simples, a realização das práticas desenvolvidas na escola, orientadas na construção do jornal, dependeu de uma série de disposições individuais e coletivas, internas e externas ao universo escolar que, foram observadas com foco no cotidiano, demonstram um enorme esforço em que aparecem envolvidos todos os componentes da unidade escolar.

O Colégio Estadual de Feira de Santana durante muito tempo ostentou o status de escola de renome na sociedade feirense, na oferta de um ensino de qualidade, inclusive na formação de grandes personalidades. Detém uma estrutura física boa, ainda que não tenha capacidade para garantir a utilização dos recursos tecnológicos que a escola já dispõe, tais como: laboratório móvel e fixo de ciências, laboratório de informática, quadras de esportes, sala de projeção.

Contudo, outro fator que deve ser salientado é a falta de habilidade técnica de muitos profissionais para o uso das tecnologias disponíveis com vista à modernização e otimização do tempo e das tarefas realizadas nos âmbitos pedagógicos e administrativos.

E, conforme site em referência Noblat (2008) afirma que o que se vê pouco no jornalismo é o bom faro do verdadeiro jornalista, a formação cultural que este nunca deve dispensar, a importância da leitura para se escrever um bom texto, uma apuração mais cuidadosa como algo imprescindível para uma matéria e um produto final criativo. Outro aspecto a ser considerado é a falta de leituras e atualização na qualificação de muito de nossos profissionais.

Entre os alunos do terceiro ano, o exercício de leitura, pesquisa e produção são ações pouco praticáveis, por isso se buscou oferecer um ensino de qualidade, envolvendo um olhar reflexivo constante, frente às ações de construção de um



jornal, que promover as intervenções necessárias tendo como finalidade transformar a escola atual em uma instituição comprometida com a aprendizagem de todos e com a transformação social.

Implantar na unidade escolar um projeto experimental visando à melhoria da qualidade do ensino sendo realizada por todos os sujeitos internos e externos da escola, requer em primeiro plano desmistificar a concepção de avaliação. O momento vivenciado no Colégio Estadual de Feira de Santana, neste contexto, a introdução do jornal, inicialmente, não causou praticamente impacto algum, pois descobrimos que nós autores da idéia e os envolvidos na construção do mesmo atingimos o clímax das discussões de deficiências.

A construção do jornal impresso na escola foi desencadeada numa série de reuniões. A primeira foi uma situação constrangedora, principalmente no momento da apresentação ao realizarmos uma dinâmica entre os alunos ficamos atônitos ao saber que 100% dos alunos não efetuam uma leitura com frequência. Com muita dificuldade, as tarefas foram sendo realizadas. Contando com o apoio da direção buscamos outras estratégias para o estudo e o envolvimento da escola na efetivação do jornal.

Para estudar e discutir os conteúdos da criação do jornal, adotou-se a estratégia de integração passiva procurando integrar-se aos alunos e consolidar as discussões e atividades mais participativas, que demonstravam interesse e boa vontade na leitura e escrita. Diante das dificuldades iniciais, a mais forte era a falta de estímulo a participar dos processos, contudo quando se pensou em promover na escola um jornal estudantil, as considerações iniciais eram uma tentativa de influenciar os alunos que foram convidados a participar das primeiras reuniões.

Notadamente, hoje o Colégio Estadual de Feira de Santana já conseguiu saltos qualitativos em todos os aspectos. O projeto piloto do jornal estudantil Jovem News foi construído com a participação efetiva dos alunos do terceiro ano e já estamos nos estruturando para programar as ações projetadas neste documento.

Para o Colégio Estadual de Feira de Santana, o jornal estudantil tem representado um período de grandes e profundas discussões da forma de organização das suas dimensões pedagógica, administrativa e financeira.

Com base na visão de que essa realidade não é particularidade do Colégio Estadual de Feira de Santana - CEFS, a equipe escolar (corpo docente, direção, coordenação pedagógica e funcionários) tem direcionado esforços no sentido de resolver esses e outros problemas, a partir de discussões e deliberações assumidas pela coletividade.



Partindo da visão sociointeracionista, o jornal *Jovem News* reafirma a construção do conhecimento pela interação do sujeito da aprendizagem com o meio social e a sua apropriação ocorre por meio da articulação entre os conceitos cotidianos trazidos das experiências dos alunos e dos conhecimentos científicos. A partir dessa abordagem, o jornal estabelece diretrizes no sentido de se considerar o sujeito na sua integralidade e reafirma que o desenvolvimento e a aprendizagem não são processos isolados; esses processos interrelacionam-se de forma dinâmica, onde um promove a sustentação do outro.

O jornal escolar, juntamente com outras formas e canais de expressão, pode ser um espaço importante de alunos tomarem a palavra e darem a conhecer o que acham significativo ou que precisam; tornarem públicas as suas inquietações e os seus sonhos; trazerem ao debate os assuntos quentes; desenvolverem as distintas linguagens gráficas; expressarem suas capacidades e os seus gostos; exercerem a crítica e a sugestão. (SANTOS, 1992, p. 7).

E para que estes processos aconteçam adequadamente, as atividades propostas prevêm uma afetiva relação entre os sujeitos e desses com os objetos da aprendizagem, pois, só através dessa relação é que os alunos terão acesso à experiência coletiva, o que leva à reorganização, à reformulação e à ampliação do conhecimento. E nessa relação intermediada pelo professor, novas informações, ao mesclarem-se com as antigas, geram conhecimentos que promovem o desenvolvimento do ser.

O jornal “*Jovem News*” foi uma experiência singular em nossas vidas que, durante mais de seis meses, realizamos uma longa análise de fatos e conceitos que atestam o valor crescente das informações de um jornal.

A partir das transformações no mundo da tecnologia identifica-se a influência do jornal estudantil na formação acadêmica de alunos de escolas públicas. Analisou-se também o jornal impresso como um paradigma, da sociedade informacional. O Colégio Estadual de Feira de Santana foi alvo de análises, estudos e monitoramentos, que ficou sob a perspectiva do dilema de uma política incentivadora de leitura e escrita.

A educomunicação é uma nova proposta de atuação na escola, que salienta um novo espaço na educação vinculado a comunicação, além disso, ela se torna um estímulo para que os alunos se apropriem das mídias e das tecnologias da educação. O jornal estudantil na escola representa o próprio desenvolvimento da leitura e da escrita, assim o impresso pode ser utilizado como um dos meios adequado, capaz de estimular os alunos.

Contudo, a criação de um jornal estudantil não deve ser o meio mais eficiente



para ler e escrever, ainda que os envolvidos fossem espertos e bons observadores e possam aprender as técnicas para redigir uma notícia, uma reportagem, um artigo, eles já devem saber escrever muito bem, para que isto ocorra é necessário o exercício contínuo da leitura e da escrita.

Com a imposição desse projeto foi possível criar novas estruturas de domínio, o homem moderno incorporou o jornal de forma irreversível à sua vida. As escolas públicas, por sua vez se representam no jornalismo estudantil, com o auxílio dos alunos, o jornal torna-se um elemento básico indiscutível desta nova era no intuito de se manterem em contato e cumprirem seus papéis e anseios da sociedade.

Em relação ao desempenho do projeto, podemos dizer, com a certeza de ter vivenciado a elaboração e finalização que não rendeu o esperado diante do objetivo proposto neste trabalho. Todavia sabemos que o projeto de incorporar um jornal estudantil piloto no Colégio Estadual de Feira de Santana foi abraçado pela direção e coordenação da unidade escolar, onde passara a fazer parte de uma atividade pedagógica realizada pelos alunos desta instituição.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. **Globalização e espacialidade: o novo do local**. In: GLOBALIZAÇÃO & inovação localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia: Ministério da Ciência e Tecnologia, 1999.

BACCEGA, Maria. Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: SENAC, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARBOSA, Ana Cristina Lima Santos. **Leitura e escrita na web**. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/08.htm>. Acesso em: 14. Abril. 2008.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicador é preciso**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos>>. Acesso em: 25.mar.2008

DESAULNIERS, Julieta B. Ramos. **A formação via impresso**. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 127-154.

FARIA, Maria Alice. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Unesp, 2000.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARQUES, José Maria. **Educar: seu trabalho, sua vida**. Salvador: Vercia, 2007.

NOBLAT, Ricardo. **Aspectos para um bom Jornalista**. Disponível em: <<http://www.noblat.com.br>>. Acesso em 10.mar.2008.



NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NÓVOA, Antonio. **A imprensa de educação e ensino**. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-32.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de estilo Web**: produção e edição de notícias on-line. São Paulo: Senac, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Antonio. & PINTO, Manuel. **O jornal escolar, porque e como fazê-lo**. Porto: Edições Asa, 1992.

Secretaria de Educação do Estado da Bahia. <[http:// www.sec.ba.gov.br](http://www.sec.ba.gov.br)>. Acesso: 20. Abril. 2008.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

RÜDIGUER, Francisco R. **Tendências do Jornalismo**. 3.ed., Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2003.

VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1998.